

**FUNDAÇÃO UNIRG
UNIVERSIDADE DE GURUPI**

**KAROLINE RIBEIRO SANTOS
PAULA JORDANA MARTINS GAMA**

**FATORES SOCIAIS E EMOCIONAIS VIVENCIADOS POR MÃES DE CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

**GURUPI – TO
NOVEMBRO, 2024**

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

IMPACTOS SOCIAIS E EMOCIONAIS VIVENCIADOS POR MÃES DE CRIANÇAS COM AUTISMO

Este Artigo foi aprovado em 27/11/2024, como parte das exigências para obtenção do título de psicólogo.

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) RAQUEL C. C. BRITO


Orientador(a), nota _____


Professor(a) DANIELA O. PONCIANO

Examinador(a) 1, nota _____

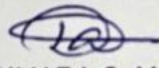
Professor(a) DULCIMARA C. MORAES

Examinador(a) 2, nota _____


RAQUEL C. C. BRITO
(Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 DANIELA PONCIANO OLIVEIRA
Data: 27/11/2024 17:14:23-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

DANIELA O. PONCIANO
Examinador 1


DULCIMARA C. MORAES
Examinador 2

Gurupi, 27/11/2024 .

Gurupi - TO, 27/11/2024

RESUMO

FATORES SOCIAIS E EMOCIONAIS VIVENCIADOS POR MÃES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA : UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.

Karoline Ribeiro Santos¹; Paula Jordana Martins Gama¹; Raquel Brito². (¹Acadêmicas do Curso de Psicologia da Universidade de Gurupi, Gurupi-TO; ²Orientadora, Professora do Curso de Psicologia da Universidade de Gurupi, Gurupi-TO).

Grande parte das mulheres sonham em serem mães. No entanto, diante de um diagnóstico do filho com autismo, o papel de mãe se amplia para além do que já é natural. O transtorno traz para as famílias adaptações e mudança em sua rotina, e com isso, os mesmos recebem pouco suporte para lidar com tal situação. As mães de autista, passam a acolher as diferenças de seus filhos, mesmo com suas expectativas de maternagem terem sido quebradas, passam a constuir novas ligações com eles para fazer tornar possível a vivência em maternas. A pesquisa teve como objetivo, compreender os fatores sociais e emocionais que essas mães de crianças com autismo enfrentam após o diagnóstico, foram encontrados nove artigos para buscar compreender o lado maternal diante do diagnóstico. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de revisão integrativa da literatura de natureza qualitativa. Foi realizada através de busca na literatura sobre a temática, no período de agosto de 2024 a novembro de 2024.

Palavras-chave: Diagnóstico. Maternidade. Autismo. Psicologia.

ABSTRACT

Most women dream of becoming mothers. However, when faced with a diagnosis of a child with autism, the role of mother expands beyond what is already natural. The disorder brings adaptations and changes to their routine for families, and as a result, they receive little support to deal with this situation. Mothers of autistic children begin to embrace their children's differences, even though their expectations of mothering have been broken, they begin to build new connections with them to make the experience of mothering possible. The research aimed to understand the social and emotional factors that these mothers of children with autism face after the diagnosis. Nine articles were found to seek to understand the maternal side of the diagnosis. This study is characterized as an integrative literature review of a qualitative nature. It was carried out through a search in the literature on the topic, from August 2024 to November 2024. The data was analyzed according to content analysis

Keywords: Diagnosis. Motherhood. Autism. Psychology

1 INTRODUÇÃO

O autismo é tema em voga na atualidade, provocando inúmeras discussões e conquistas, porém, ainda assim, nota-se que as mães enfrentam dificuldades em lidar com o preconceito e julgamento, tendo maiores probabilidades de ficarem deprimidas, por terem, culturalmente, maior carga de responsabilidade pelos cuidados e

pela educação dos filhos, quando comparadas com as mães de crianças com desenvolvimento típico (Cunha, 2018).

O momento diagnóstico pode ser um dos mais difíceis, pois reconfigura a dinâmica da família, a saúde e disposição dos responsáveis que cercam a criança, esbarrando nos limites dos afazeres da maternidade idealizada (Ferreira; Smeha, 2018). Muitas mães não têm conhecimento diante do diagnóstico do seu filho. Além disso, quando os pais/cuidadores se deparam com o diagnóstico do autismo, é comum que emoções negativas apareçam, como a insegurança e a culpa. Assim, esses sinais podem associar-se a quadros depressivos e de estresse (Kiquio; Gomes, 2018).

Grande parte das mulheres sonham em serem mães, no entanto, diante do diagnóstico de um filho com deficiência, este papel se amplia para além do que já é natural. Diante desta temática, a presente pesquisa teve como questão norteadora investigar quais os fatores sociais e emocionais que mães de crianças com autismo enfrentam após o diagnóstico de autismo. Partindo do pressuposto de que o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) implica em mudanças nas diversas áreas da vida familiar e na maternidade, essa pesquisa pode contribuir para proporcionar conhecimentos acerca da vivência das mulheres que recebem a notícia do diagnóstico de autismo de seus filhos, tornando-se importante para melhor compreender os sentimentos por elas vivenciados.

De forma sucinta, mães atípicas são mulheres que cuidam integralmente de filhos com deficiência, mantendo comprometimento e responsabilização com seus filhos. Camargo (2021), menciona que mães atípicas possuem duas vezes mais probabilidade de ficarem cansadas e três vezes mais chances de passarem por um evento estressante. Em razão disso, nota-se que, neste cenário, pode haver muitas consequências para estas mães, para seus filhos, para os demais membros da família e para a sociedade.

Biase (2023) acentua que, quanto menores são as condições econômicas e sociais das famílias, maiores são as chances de abandono paterno após o diagnóstico. Essa questão traz, a curto e a longo prazo, uma sobrecarga nessas mulheres, pois recai sobre elas o cuidado e o desenvolvimento educacional de modo solitário e podem vir a experimentar situações de dificuldade, lidando com problemas de sua tipologia familiar monoparental. Porém, compreendemos que podem se tornar capazes de se adaptarem com coerência para viverem bem seu dia a dia (Ferreira;

Smeha, 2018).

Nas relações sociais mais amplas, a família descreve dificuldades de inclusão da criança com TEA na sociedade, quando sentimentos de exclusão e preconceito reverberam em situações de desprezo e rejeição social, com negativas a direitos como acesso à educação, religião, saúde, lazer e bem-estar. Diante deles, a mãe precisa efetivar resistências e exigir direitos. (Mapelli *et. al*,2018).

São mães que abrem mãos do trabalho remunerado, da carreira profissional e até mesmo dos estudos em prol da dedicação integral aos cuidados dos filhos. Diante disso, a formação de rede de apoio e escuta profissional é de grande importância para a mãe ser ouvida, acolhida e ter seu momento para falar e lidar com as situações do dia a dia sem tamanha pressão, podendo se integrar a um grupo psicoterapêutico, no qual é possível ouvir outros relatos de mães junto. A mediação, deste modo, requer a presença de profissionais capacitados a estabelecer um contrato ético e respeitoso, acolher seus membros e suas demandas, atribuindo um ambiente confiável (Júnior; Araújo; Rocha, 2021).

As mães atípicas enfrentam estresse emocional, físico e financeiro, e é importante que as pessoas ao seu redor possam oferecer suporte e cuidado. Conforme Pereira *et al.* (2017), responsabilizar-se de uma criança com algum transtorno crônico apresenta alterações sobre a qualidade de vida do cuidador/pais, principalmente das mães.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de revisão integrativa da literatura de natureza qualitativa. Foi realizada através de busca na literatura sobre a temática, no período de agosto de 2024 a novembro de 2024. Os dados foram analisados segundo a análise de conteúdo.

Para o alcance dos objetivos propostos neste estudo, foi utilizada uma revisão bibliográfica de artigos científicos, o que permite a obtenção de conhecimentos produzidos na área de modo ordenado e sintético, possibilitando ao leitor o acesso a grande diversidade e complexidade de estudos relevantes num espaço reduzido de tempo.

A metodologia qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (Minayo, 2014).

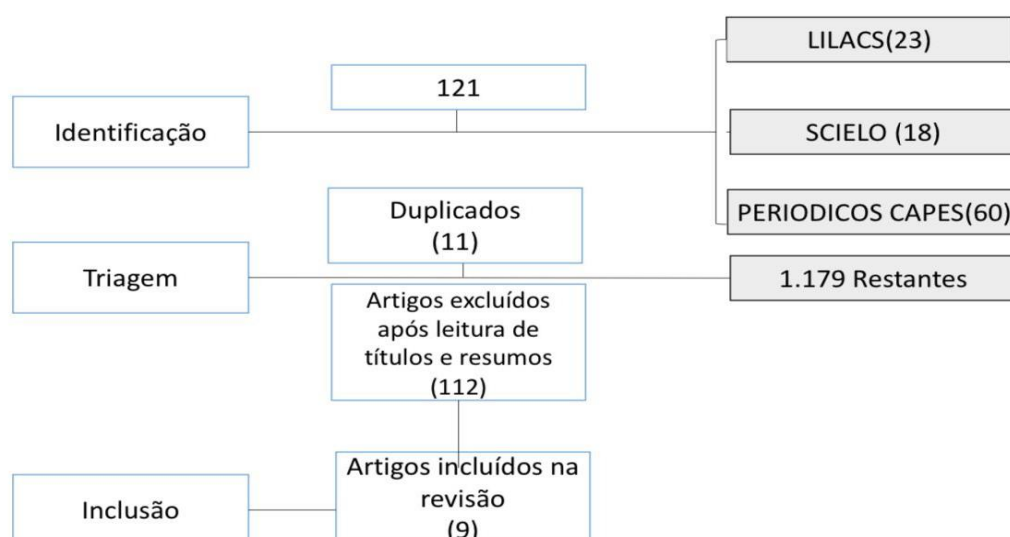
A revisão integrativa de literatura compreende todos os trabalhos publicados que oferecem um exame da literatura abrangendo assuntos específicos (Galvão; Ricarte, 2019).

Para execução da pesquisa foram utilizadas as bases de dados: Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciência da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Periódicos CAPES, utilizado os Decs de 2019 a 2023: com descritores “*Maternidade atípica*”, “*Autismo*”, “*Fatores sociais*”, empregando o operador booleano AND com publicações que tratam efetivamente de pesquisas científicas sobre o tema proposto. Seguindo as fases subsequentes:

Após afinar o assunto relacionado à temática proposta, foi realizada seleção dos arquivos encontrados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, e posteriormente a análise e discussão dos dados.

Foram excluídas produções científicas repetidas, que não estavam disponíveis na íntegra, que se tratavam de revisão de literatura e que não apresentavam informações que contemplavam os objetivos do estudo.

A metodologia de análise de dados foi realizada conforme a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). A análise de conteúdo é um método para analisar os dados de uma pesquisa qualitativa, ou seja, é um método para analisar dados que descrevem e ilustram a realidade, mas que não podem ser quantificados.



O presente trabalho não necessitou de submissão para aprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a resolução CNS 466/2012, pois se trata de uma pesquisa cujas informações foram obtidas em materiais já publicados e disponibilizados na literatura, não havendo, portanto, intervenção ou abordagem direta junto à seres humanos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da Revisão de Literatura, foram selecionados 9 artigos, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1. Artigos selecionados para revisão de literatura

ID	Autor(es)	Ano	Título	Principais achados
1	Morais; Freitas; Gaudenzi.	2022	“Nós, mães de autistas”: entre o saber da experiência e as memórias coletivas em vídeos no YouTube.	As mães narram uma relação paradoxal com o diagnóstico, pois ao mesmo tempo em que indicam alívio por dar sentido às diferenças observadas no comportamento de seus filhos, se veem em um lugar social complexo e desconhecido. Se antes a angústia emergia do fato de não saber o que está acontecendo, agora emerge de não saber como será o futuro e da necessidade de resignificação sobre quem é o seu filho.
2	Borges, <i>et al.</i>	2020	Empoderando mães atípicas: Um estudo de campo sobre a importância da autoestima na maternidade atípica.	A autoestima das mães de crianças atípicas é um aspecto especialmente significativo, dado o desafio adicional que elas enfrentam em comparação com mães de crianças sem deficiências ou condições especiais. A autoestima dessas mães pode ser profundamente impactada pelos seguintes fatores: estigma social, estresse e sobrecarga, comparação com outras mães ou famílias, impactos na vida social (perda do círculo de amizades) e profissional (muitas mães, como já citado anteriormente, precisa parar de trabalhar para cuidar dos filhos), frustração e auto exigência. É importante reconhecer que essas mães são incrivelmente resilientes e dedicadas aos seus filhos. No entanto, a sobrecarga emocional e as pressões sociais podem afetar sua autoestima.
3	Pascalichio, <i>et al.</i>	2021	Vivências maternas e autismo: os primeiros indicadores de TEA e a relação mãe e filho.	Exercer a maternidade, portanto, torna-se uma experiência complexa quando se depara com as limitações do filho e se encontra com o desconhecido, pois é sobre a família e principalmente a mãe que irão recair as maiores responsabilidades (Smeha & Cezar, 2011). Diante dessas vivências, segundo Constantinidis <i>et al.</i> , (2018), os níveis de depressão e estresse são elevados em mães de crianças com autismo e é destacada a importância da rede de suporte social na prevenção e promoção de saúde mental dessas mães.

4	Barros, <i>et al.</i>	2022	Dificuldades enfrentadas pelos pais no tratamento de crianças com Transtorno do espectro autista.	Dessa forma alguns pais defendem que é um trabalho coletivo entre familiares e profissionais da educação, é visível que o Transtorno de Espectro Autista traz consigo inúmeros obstáculos, e ainda uma certa carência quando se trata da melhor coordenação em relação a conscientização sobre a problemática, um diagnóstico feito no tempo certo e a instrução hábil e correta dos responsáveis para uma melhor qualidade de vida dos mesmos.
5	Carvalho, <i>et al.</i>	2022	Autismo infantil: Impacto no diagnóstico e repercussões familiares e sociais.	É normal que as mães de crianças autistas sintam amedrontadas, culpadas e tristes, gerando sofrimento psicológico. Após receber o diagnóstico pode se estabelecer grande angústia pelo fato de ninguém ter ensinado a ela como ser mãe de uma criança autista, surgindo dúvidas dos cuidados que esta vai necessitar, e com esses sentimentos ambivalentes a mãe tende a dedicar se inteiramente a essa criança.
6	Hofzmann, <i>et al.</i>	2019	Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA).	Os familiares apresentaram reações diversas, como aceitação, preocupação, sofrimento, negação, sensação de impotência e previsão de momentos turbulentos.
7	Faro, <i>et al.</i>	2019	Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar.	A perspectiva sistêmica considera que as condições próprias do TEA podem causar um desequilíbrio familiar por afetar, principalmente, os processos de comunicação e a reciprocidade das relações interpessoais (Bosa, Sifuentes, & Semensato, 2012). A família, nesse contexto, sofre alterações no seu funcionamento no que diz respeito ao desempenho dos papéis, pois é demandada pela condição da criança, que requer interações Diferenciadas conforme o seu estágio de desenvolvimento.
8	Bulhões, <i>et al.</i>	2023	A maternidade atípica: narrativas de uma mãe com três filhos com transtorno do espectro autista.	A maternidade representa um desafio, e é comum que mães de filhos com TEA se sintam culpadas, fragilizadas e tristes, visto que nunca foram ensinadas ao cuidado de um filho neuro atípico, despertando nelas um sofrimento psicológico.
9	Luna, <i>et al.</i>	2023	Percepções de mães de crianças com autismo sobre rede apoiadora e estratégias de cuidado consigo.	Quando as mães discorrem sobre suas possibilidades de rede de apoio, é unânime perceber o quão se tornam as únicas responsáveis em se desdobrarem para cumprir com suas demandas laborais, domésticas, familiares e de acompanhamento de seus filhos.

Fonte: Elaborada pelas pesquisadoras

Os autores dos artigos 3, 4, 6 e 7 discorrem sobre o assunto família, desde o momento em que recebem o diagnóstico até a discussão sobre suas responsabilidades para com a criança. O artigo 3, nos revela sobre os níveis de estresse e depressão de como se torna mais elevado após receber o diagnóstico do filho(a) com TEA e ressalta a importância de ter um cuidado especial em relação a saúde mental quando recebe o diagnóstico, para conseguir lidar com isso.

Quando a mãe se depara com os primeiros sinais de que há algo diferente com o filho, issonaturalmente traz uma grande preocupação, fazendo com que ela vá em busca de respostas para entender o que está acontecendo. Essa busca, pode trazer dificuldades quando não aceita por pessoas próximas, na fase de negação (Pascalichio *et al.*, 2021).

Segundo Pascalichio *et al.* (2021), a maternidade vai além dos cuidados do dia a dia, mas a sociedade agrega um peso maior a essa função. Nota-se a importância da rede de apoio, sendo somente um filho ou mais de um, principalmente quando falamos sobre TEA, pois o suporte é essencial para a troca de experiências e vivências. Quando esse apoio vem de algum familiar ou principalmente do cônjuge, essas dificuldades são enfrentadas de maneira mais leve.

Ressalta-se também, a importância da figura paterna e materna quando falamos sobre saúde mental ser priorizada entre eles, para conseguir lidar de forma mais saudável desde o início (Pascalichio *et al.*, 2021).

Nota-se ao analisar o artigo 7, uma ligação ao artigo 3, observando que a condição do TEA pode causar uma dificuldade nas dinâmicas familiares caso não haja um cuidado com a saúde mental. O funcionamento da família pode ser afetado, especialmente nas áreas de comunicação e preconceito, exigindo adaptações nos papéis familiares entre pai, mãe e filho (Faro *et al.*, 2019).

Já o artigo 6, nos mostra o impacto em relação as reações quando recebem o diagnóstico do TEA, que são variadas, isso vai da negação até a aceitação, surgindo vários sentimentos, bons e ruins. Vale lembrar que isso pode refletir no emocional durante todo o processo. O transtorno traz para as famílias adaptações e mudanças na rotina, e, com isso, os mesmos recebem pouco suporte para lidar com tal situação. O artigo também aborda a importância de políticas públicas para capacitar profissionais para o acolhimento tanto da família quanto do autista, com a falta de assistência prestada pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (Hofzmann *et al.*, 2019).

Sob o viés da família, o artigo 4 por se tratar de um trabalho a campo, nos traz um olhar familiar e profissional em relação a educação, pois isso se trata de um trabalho coletivo em ambas as partes. É notável a carência dentro dessa relação, a falta de comunicação entre os pais. Mas os artigos surgem que o diagnóstico feito no tempo certo, de forma correta, são essenciais para uma melhor qualidade de vida, tanto da criança, quanto dos familiares (Barros *et al.*, 2022).

Os autores trazem de forma mais sucinta a importância do planejamento e

preparação da família para a pessoa com TEA, podendo ter uma qualidade de vida melhor e com pessoas próximas ao lado. Assim como, a maneira com que a criança vive de forma positiva em meio a sociedade com intervenções e acompanhamento sendo aplicados com eficácia no ambiente familiar (Barros *et al.*, 2022).

Quando à autoestima de mães de crianças com TEA, os autores dos artigos 1,2,5,8 e 9 destacam um nível alto de tensão entre elas. No artigo 1 as mães relatam uma angústia, culpa e tristeza após o diagnóstico de seus filhos e em não saber como será o futuro do filho e de suas necessidades. O processo até conseguir a conclusão do diagnóstico é longo e demorado, muitas vezes, passando por queixas de incapacidade técnica por parte dos profissionais, que por vezes apontam o autismo apenas como atraso no desenvolvimento, apesar de sentir alívio por dar sentido as diferenças vista no comportamento da criança.

Essas mães passam a acolher as diferenças de seus filhos, mesmo com suas expectativas sobre a maternidade tendo sido quebradas, passam a constuir novas ligações com eles para fazer tornar possível a vivência em maternar. Os cuidados com a criança rodeiam-se de contradições, mas é também o viver com eles em seu dia-a-dia, presenciando a construção do seu lugar na sociedade e melhorias no desenvolvimento.

Podemos destacar no artigo 2 que a autoestima dessas mães tende a se aprofundar e impactar por alguns fatores, como, sobrecarga, estresse, comparações com mães de crianças típicas, perda das amizades, entre outros, isso pode ocorrer devido à falta de preparação para os cuidados de uma criança que requer uma necessidade a mais na atenção especial e junto vem a dificuldade de se ajustar a uma nova realidade.

No artigo 5, destaca que após o diagnóstico pode-se notar que mães passam a se sentir culpadas, tristes e amedrontadas diante da nova situação, pois ela se encontra diante de algo novo, surgindo dúvidas de como será os cuidados e em como terá que dedicar-se totalmente ao filho autista. Nessa perspectiva, surge a rede de apoio a essas mulheres, que pode ser composta por marido, avós, equipes especializadas, outras mães com as mesmas experiências (Ferreira *et al.*, 2018).

Podemos destacar no artigo 8, que, para as mães, a maternidade atípica é vista como um desafio, passando a se sentir sempre fragilizadas, pois ela se encontra em algo novo, onde nelas passam a despertar um sofrimento psicológico, estando sempre com o emocional abalado e fragilizado. O processo de adaptação da rotina

causado por filhos com TEA, leva, como consequência, a uma alteração da dinâmica e das relações familiares, podendo impactar na interação social com colegas e conflitos conjugais (Bulhões *et al.*, 2023).

Ser familiar ou mesmo cuidador de uma criança autista, gera uma sobrecarga de trabalho, afazeres, excesso de atenção, onde, muitas das vezes, o único trabalho que eles passam a possuir. A mãe é privada de lazer, viagens e outras particularidades do autocuidado, o que a leva a um considerável risco de distanciamento de amigos, familiares e isolamento social, que traz consequências significativas para sua vida psicológica e emocional (Bulhões *et al.*, 2023).

Quando falamos de rede de apoio para as mães, o artigo 9, destacam que passam a ser as únicas responsáveis em grande parte dos casos, sendo responsável pela atenção e cuidados da criança, onde passam a se desdobrar com os afazeres dedicados aos filhos, como trabalho domésticos, demandas laborais, acompanhamento em consultas, escola e outros, e com tudo isso vem a pressão diária, o cansaço, estresse, desânimo, resultando no esgotamento emocional. Quando questionadas sobre disporem de tempo para desenvolver cuidados para si, como ir ao médico, realizar atividade física ou contemplar momentos de lazer, essas mulheres demonstraram que há limitações, pois precisam, quase sempre, que haja disponibilidade de quem irá assumir os cuidados e responsabilidades com seus filhos em sua ausência, ainda que momentânea (Luna *et al.*, 2023).

Algo que pode ser integrado em clínicas de atendimentos as crianças com TEA, é a junção e a criação de políticas públicas que realizam o autocuidado das mães atípicas, com intuito de orientar e sensibilizar os serviços a instituírem práticas de atividades físicas, como, relaxamento, ioga, música, assistência psicológica, grupos de convivência de mães. Portanto, o grito velado do cansaço e da sobrecarga materna precisam dar lugar a uma rede de saúde terapêutica infantil que reconheça, não somente a criança como objeto de cuidado, mas também a mãe (Luna *et al.*, 2023).

Ao analisarmos o objetivo geral, compreender os fatores sociais e emocionais que mães de crianças com autismo enfrentam após o diagnóstico, pode-se perceber que os autores destacam vários desafios encontrados nas vivências de mulheres que o filho apresenta o diagnóstico de TEA, que geram diversas mudanças em suas vidas.

Pascalichio *et al.* (2021), afirmam que algumas mães de crianças autistas costumam sentir culpa, frustração e até mesmo, tristeza, gerando um sofrimento

psicológico. Quando do advento do diagnóstico, a angústia emerge, principalmente por ninguém ensiná-las como serem mães de crianças autistas. Com isso, surgem dúvidas acerca dos cuidados necessários. Com isso, as mães se dedicam inteiramente às suas crianças. Isso mostra a importância da mãe estar bem amparada, pois seu estado emocional pode interferir na criança e diante de tantas frustrações e desafios, ela irá precisar de ajuda.

Cada família apresenta sua fase e reação com o TEA, seja ela na aceitação, preocupação, negação, sensação de impotência e previsão de momentos turbulentos. O autor Hofzman *et al.* (2019) nos dizem que em alguns relatos que a rotina familiar sofreu profundas mudanças devido à atenção e os cuidados à criança, algumas necessidades como renunciar às atividades profissionais, mudar a rotina e adaptar-se após diagnóstico. Nesses casos, há famílias que demonstram o sentimento de luto, negação e enfrentam até mesmo problemas financeiros diante da situação.

Cada mãe relata sua experiência com o diagnóstico diferente, pois ao mesmo tempo em que há um alívio por dar sentido nas diferenças observadas e também no comportamento de seus filhos, observam um lugar complexo e desconhecido. Se antes vinha a angústia de não saber o que está acontecendo, agora vem a preocupação de não saber como lidar com o futuro (Freitas; Gaudenzi 2022).

De acordo com Borges *et al.* (2022), muitas mães após a confirmação podem se sentir seguras por saber o que pode ser feito, mas outras já carregam um sentimento de culpa e acabam se sentindo perdidas por não saber o que fazer, as vezes o processo de aceitação se torna mais demorado para umas do que para outras afetando não só ela a mãe, mas também os familiares, pois em muitos casos, quando a criança não atende às expectativas dos pais devido a uma limitação, seus sonhos e ideais são abalados.

Ao descrever as dificuldades e preconceitos que a família e as crianças diagnosticadas com TEA enfrentam, muitas famílias quando recebem o diagnóstico do TEA passam por um grande impacto no ambiente familiar devido à desinformação e ao novo modo em que essa família irá passar a viver, onde o desconhecimento sobre o transtorno pode gerar um estresse, causando então, uma mudança extrema na rotina do casal. Algumas famílias podem se adequar positivamente à nova realidade na adaptação com o filho com necessidade especial e assim como outras podem experimentar o processo de cuidado com intenso desgaste e desarranjo

familiar (Barros *et al.*, 2022).

Um diagnóstico de TEA no âmbito familiar, trás uma situação de impacto e sofrimento podendo gerar a mudança da rotina diária da família, muitos conflitos na nova rotina, o impacto financeiro, gastos em tratamentos necessários para a criança, perda de emprego e limitações em ciclos de amizades (Pascalichio *et al.*, 2021), também constataram que é fundamental uma rede de apoio e a qualidade de suporte para essas mães, colocando o trabalho da psicologia importante não somente no atendimento dos filhos com autismo, mas também das mães e familiares que assumirão a prática do dia-a-dia, tornando a experiência da maternidade menos sofrida.

As mães de crianças com TEA, falam sobre os desafios que vão além da família e grupos de apoio e se esbarram na sociedade e sua falta de empatia e compreensão diante de uma criança com autismo, como a criança não apresenta uma característica física evidente, muitas vezes esse fato tende a implicar um olhar de julgamento diante de reações comportamentais comuns, como em momentos de crises. A ausência de características físicas e até mesmo cognitivas em crianças com TEA leve podem levar até mesmo a mãe a não suspeitar de qualquer transtorno, porém quanto maior foi a gravidade do transtorno da criança maior o suporte social necessário (Pascalichio *et al.*, 2021).

O Auxílio para a família e principalmente para mãe, que muitas vezes se tornam a única responsável pela criança diagnosticada com TEA, é de grande importância, pois a família passa a se dedicar totalmente a criança, deixando de conviver em ambiente social por receio do julgamento de terceiros ou por lugares sem uma boa inclusão (Pascalichio *et al.*, 2021)

Acerca dos aspectos relacionados ao preconceito e a aceitação por parte da família, vale destacar que quando falamos das problemáticas em lidar com o diagnóstico de autismo, podemos destacar a dificuldade financeira, os relatos de dificuldade em frequentar ambientes diferentes sendo adaptados à criança e a aceitação das demais pessoas inclusive dos familiares. Estudos como o de (Carvalho *et al.*, 2022) revelaram a existência de estresse agudo em famílias que possuíam um membro com diagnóstico de autismo.

Os cuidados e as atividades diárias tornam a rotina da família com a criança diagnosticada com TEA, completamente sobrecarregada e exaustiva, juntamente com os afazeres domésticos e laborais podendo então desencadear adoecimentos

psicológicos como ansiedade, depressão, autoestima baixa, pressão psicológica, sentimento de culpa e medo de preconceito vindo de terceiros. As relações familiares tendem a se alterar, pois cada um de seus membros compõe uma parte crucial de todo sistema familiar e, portanto, se algo significativo acontece, como a notícia de um diagnóstico, a família como um todo terá de alguma forma que adaptar-se (Sousa; Duarte, 2022).

Nesse sentido, entende-se que nem toda família ou mães de crianças com deficiência possuem o apoio de familiares ou uma boa condição financeira para manutenção de um cuidador domiciliar para seu filho. No âmbito familiar, essas problemáticas podem estar relacionadas, principalmente, devido ao elo rompido, distância física, disponibilidade de tempo ou até mesmo interesse da família em colaborar com o processo do cuidado dessa criança (Luna *et al.*, 2023).

Ao observar a rede de apoio e familiar das mulheres que vivenciam a monoparentalidade dentro da maternidade atípica, alguns autores nos trazem essa visão de forma clara, de como é importante a rede de apoio. Pascalicchio *et al* (2021) afirmam que, segundo as mães é extremamente relevante tratar sobre a rede de apoio, pois, para elas é um fator de grande importância. É através deste suporte é possível uma troca de experiências, como uma maneira de acolhimento e olhar empático para evitar o sentimento de solidão e ajuda também no enfrentamento da sociedade. Com o apoio da família e principalmente do cônjuge, as dificuldades são consideradas mais tranquilas, mas nota-se que este fato acontece em alguns casos.

Bulhões *et al.* (2023), relataram que ter um laço de parentalidade da pessoa com TEA tem um impacto significativo na vida, principalmente na da mãe, que é a principal cuidadora na maioria dos casos. Ser familiar ou cuidador desse público, traz consigo uma grande sobrecarga de trabalho. Como citado acima, a mãe é privada de grande parte das coisas que fazia anteriormente, como lazer, viagens e autocuidado, o que a leva a um considerável risco de distanciamento e até mesmo o isolamento social, que pode trazer futuramente consequências significativas.

Quando se trata das possibilidades de rede de apoio, é unânime perceber como as mães se tornam as únicas responsáveis em se desdobrarem para cumprir com suas demandas domésticas, familiares e de acompanhamento de seus filhos. Mesmo em alguns casos, tendo o pai presente, toda a logística de interação e participação direta com os terapeutas ainda permanece com a mãe, devido ainda haver uma representação patriarcal que ainda não rompeu com o estigma de ser uma

“boa mãe”. Essas mulheres passam a ter toda a responsabilidade de cuidados com o filho diagnosticado com TEA e precisam renunciar suas atividades, deixando essa fase da vida solitária e sobrecarregada, física e mentalmente (Luna *et al.*, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a pesquisa atingiu todos os objetivos propostos, sendo assim, foi possível compreender os fatores sociais e emocionais que mães de crianças com autismo enfrentam após o diagnóstico. As barreiras sociais e os estigmas associados ao autismo impactam diretamente a qualidade de vida das famílias, gerando até mesmo sentimentos de frustração, culpa e fracasso.

A aceitação do diagnóstico, muitas vezes, é um processo doloroso e prolongado, que requer compreensão e empatia por parte dos familiares, fundamentais para o bem-estar da criança e da própria mãe. Ao investigar a rede de apoio e familiar das mulheres que vivenciam a monoparentalidade na maternidade atípica, podemos concluir que o suporte emocional e prático é essencial para que essas mães possam enfrentar as adversidades impostas pela maternidade com uma criança com TEA. A criação de redes de apoio, como momentos so para as mães, roda de conversa, tarde de lazer, podem desempenhar um papel importante para as dificuldades enfrentadas. O papel da psicologia se torna ainda mais importante não somente no atendimento da criança com autismo, mas, com o apoio emocional, com trocas de experiências e momentos entre essas mães atípicas.

Por fim, este estudo contribui para uma melhor compreensão da realidade vivenciada por essas mães atípicas, evidenciando a necessidade de iniciativas que promovam apoio e inclusão. Encorajamos futuras pesquisas que explorem mais sobre esses aspectos, buscando soluções eficazes para as famílias que lidam com o autismo.

REFERÊNCIAS

- BARROS , Á. A. T. de S. *et al.* Dificuldades enfrentadas pelos pais no tratamento de crianças com transtorno do espectro autista. 9 ed., v. 11, 21-36 p. **Research, Society and Development**, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/31568/26974/358753>. Acesso em: 03 set 2024.
- BIASE, A. P. E. **Incidência de ideação suicida descritas por mães atípicas com filhos matriculados em rede pública de ensino da cidade de Sinop – MT.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Departamento de Psicologia, do Centro Universitário Fasipe – UNIFASIPE. Sinop/MT, 2023.
- BULHÕES, T. M. P. *et al.* A maternidade atípica: narrativas de uma mãe com três filhos com transtorno do espectro autista. Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – **UNIRIO: revista de pesquisa**, v. 15, 2023. Disponível em <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/12213>. Acesso em: 03 set 2024.
- CARVALHO, N. O. V. De *et al.* Autismo infantil: impacto no diagnóstico e repercussões familiares e sociais. 1. ed. Cajazeiras: **Revista Interdisciplinar em Saúde**, 2022. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rngenf/a/Qp39NxcyXWj6N6DfdWWDDrR>>. Acesso em: 03 set 2024.
- CAMARGO, J. A típica mãe e o mundo das mães atípicas. 2021. Disponível em: <https://friendshipcircle.com.br/blog/artigo-a-tipica-mae-e-o-mundo-das-maes-atipicas-por-june-camargo/>. Acesso em: 22 set. 2023.
- CUNHA, J. H. da S. O significado de ser mãe ou pai de um filho com autismo, revista família, ciclos de vida e saúde no contexto social. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil. p.25-35 vol. 6, núm.1, 2018. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/1971>
- FARO , K. C. A. *et al.* Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar. Porto Alegre: **Psico**, 2019. 1-12 p. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1008322>. Acesso em: 03 set 2024.
- FERREIRA, M.; SMEHA, L. N. A experiência de ser mãe de um filho com autismo no contexto da monoparentalidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/9303>. Acesso em: 03 set 2024.
- FREITAS , B. M. S. *et al.* “Nós, mães de autistas”: entre o saber da experiência e as memórias coletivas em vídeos no Youtube. 24. ed. v. 4. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/NwkJwwCjmjMtyQRpQ9TwdMr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 set 2024.

HOFZMANN, R. da R. *et al.* Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Enferm. Foco**, 10. ed. 64-69 p. v. 2, 2019. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1671>. Acesso em: 03 set 2024.

JÚNIOR, E. D. S.; ARAÚJO, L. M. F; ROCHA, R. V. S. Grupo Terapêutico para Mães e Pais de Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA): Relato de Experiência na Formação em Psicologia. **Revista Psicologia em Foco**, v. 13, n. 19, p. 21-31, 2021. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/psicologiaemfoco/article/view/3897>. Acesso em: 30 ago 2024.

KINTOPE, L. O. ; BORGES, R. de S. Empoderando mães atípicas: um estudo de campo sobre a importância da autoestima na maternidade atípica. 18. ed. v. 6, p.21-36 *Journal of Media Critiques*. Brazil, 2020. Disponível em: <https://journalmediacritiques.com/index.php/jmc/article/view/28>. Acesso em: 30 ago. 2024.

KIQUIO, T. C. O.; GOMES, K. M. O estresse familiar de crianças com transtorno do espectro autismo – tea. **Revista de Iniciação Científica**, 16(1), 1–12, 2018. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/iniciacaocientifica/article/view/4270/4048>. Acesso em: 30 ago 2024.

LUNA, A. W. N. *et al.* Percepções de mães de crianças com autismo sobre rede apoiadora e estratégias de cuidado consigo. *Revista de Enfermagem da UFPI*, 1-12 p. v. 12, 2023. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1523554>. Acesso em: 30 ago 2024.

MAPELLI, L.D.; BARBIERI, M.C.; CASTRO, G.V.D.Z.B.; BONELLI, M.A.; WERNET, M.; DUPAS, G. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. Escola Anna Nery. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP Brasil, p.1-09,2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/zxYG5PMypVZf4YJSfjgyYg/?lang=pt#>. Acesso em: 03 set 2024.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17(3), 621–626, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Acesso em: 30 ago 2024.

PASCALICCHIO, M. L. *et al.* Vivências maternas e autismo: os primeiros indicadores de tea e a relação mãe e filho. 3. ed. Itatiba, : **Estilos da Clínica**. 548-565 p. v. 26, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/357597010_Vivencias_maternas_e_autismo_os_primeiros_indicadores_de_TEA_e_a_relacao_mae_e_filho. Acesso em: 30 ago 2024.